



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## DA SAUDADE AO ADEUS: LUIZ ASSUNÇÃO, ENTRE O REAL E O IMAGINADO

Vanessa Nascimento de Souza\*

### LUIZ ASSUNÇÃO: O POETA ENAMORADO E SUA CIDADE IMAGINÁRIA

1

Luiz Assunção mudou-se para Fortaleza no ano de 1928, aqui constituiu família e construiu seus espaços de sociabilidade. Na boemia da praia e das “pensões alegres”<sup>1</sup> compunha suas canções e escrevia suas poesias criando sua cidade imaginada dentro da cidade real. Nesse contexto como nos coloca Pesavento (2007), a cidade pode ser compreendida como espaço de sociabilidade, uma intensa relação entre o indivíduo e o coletivo, uma pluralidade de sentidos e representações. Assim essa cidade produz um lugar de sensibilidades, sentimentos, desejos e medos ganhando múltiplas interpretações a partir das emoções que seus fenômenos ocasionam.

Enquanto cidade imaginária passa a ser construída a partir do olhar do outro e de suas intencionalidades, lugar onde o tempo e o espaço faz parte de uma constituição da memória. Dessa maneira “a cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de

---

\* Mestranda em História e Culturas, pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

<sup>1</sup> “Pensões alegres”: como eram conhecidos os cabarés da época, onde Luiz Assunção passava as noites tocando.

enxergar, nela, o passado de outras cidades contidas na cidade do presente.” (PESAVENTO, 2007, p. 17). Paralelo a isso, a cidade define identidades a partir de um imaginário onde o indivíduo estabelece uma relação de pertencimento com o lugar por ele criado.

Como um espaço de identificação e apropriação a cidade é representada a partir da memória de seu autor, onde o imaginário transforma-se no real. Do mesmo modo, Luiz Assunção ao narrar às cidades buscava exaltar suas qualidades deixando de lado os problemas que as mesmas enfrentavam, portanto, como nos afirma Calvino, “as cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.” (CALVINO, 1990, p.44).

Partindo dessa premissa as cidades se estabelecem num inventário de sensibilidades onde o ver, o ouvir e o narrar constituem suas representações, quer sejam elas escritas, faladas ou musicais. Assim, podemos classificar as cidades tecidas por Luiz Assunção como cidades musicais repletas de emoções, sensações e sentimentos, visto que, como nos coloca Pesavento (2007), a música possui um elo entre o real e o imaginado, sendo condutora de sensibilidades e significados, logo, a partir do momento que o compositor narra uma cidade a canção ganha sentidos e variadas interpretações e reinterpretações onde a cidade sensível, imaginária e visível ao ser cantada “se insere na memória, ocupando um lugar no tempo”. (PESAVENTO, 2007, p. 21).

Como cidade cantada por Luiz Assunção, Fortaleza foi narrada com paixão, saudade e beleza, o amor que o compositor tinha por essa cidade pode ser observado não apenas em canções, mas também em poesias e nos relatos de seus amigos. Em suas composições a cidade aparece com múltiplos sentidos, em *Mimosa Princesa*, letra de 1966, Fortaleza foi narrada na imagem de uma mulher.

É cantando que a Escola de Samba vai falar/De uma mulher que me fez voltar./A saudade ninguém pode evitar,/Eu chorava de saudade e de dor,/Nem a noite, nem o dia/Me consolava, me iludia,/Jamais esqueci o seu amor./Essa mulher bonita que eu amo/É tão bonita,/Eu sei que vocês a amam também,/Será meu amor, será por toda a vida/Jamais eu deixarei por alguém./É tão bonita essa mulher,/Pode falar de mim quem quiser.../Sabem que é/A mimosa princesa?/É a nossa bela FORTALEZA!(**Mimosa Princesa**. Samba de carnaval. Luiz Assunção 1966).

Em poesia Fortaleza também foi encenada, palco de amores, paixões e saudades, a cidade mais uma vez foi inspiração para um boêmio apaixonado.

Fortaleza querida/és a cidade mais/bela do mundo,/és a terra dos amores,/um jardim cheio de flores,/és a terra de encantar,/Terra da Luz,/de Iracema e Alencar!/O sol apaixonado/acorda enciumado/e louco sobre o mar/vem saudoso te abraçar./E, a linda Iracema,/também vem apaixonada/escondida entre as ondas/toda noite a ti beijar! (Minhas cartas de amor à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Poesia. Luiz Assunção 1976).

Considerado um maranhense de alma cearense, Luiz Assunção deixava claro em suas letras e poesias seu amor por Fortaleza, onde segundo Jairo Castelo Branco<sup>2</sup> ele sempre dizia: “Jairo meu pai nasceu no Ceará e morreu no Maranhão, eu vou fazer o contrário, nasci no Maranhão e vou morrer aqui. O Ceará é uma terra maravilhosa, tem as mulheres mais belas, foi aqui que eu fui feliz, que conheci as mulheres da minha vida”(Entrevista feita com Jairo Castelo Branco no dia 29 de maio de 2012.) No ano de 1977, escreveu uma poesia intitulada *Prece de Amor*, nela mais uma vez declarou sua adoração por Fortaleza.

Essa é a minha oração/ – Minha Fortaleza querida, minha cidade adorada,/coisinha mais bela do mundo,/divina, loira e encantada!/Sem favor, nesse Brasil,/Tu és a Terra da Luz,/Patrocínio te chamou,/orgulhoso te exaltou,/e, a própria história confirmou.(Prece de Amor. Poesia. Luiz Assunção, 1977).

Como um compositor de sambas – como ele mesmo gostava de se denominar – , Luiz Assunção ao visitar a cidade do Rio de Janeiro ficou deslumbrado com sua beleza e resolveu colocar sua emoção em uma nova canção destacando às praias que para ele eram a maior riqueza do país.

Rio,/A noite quando eu vejo/Teus milhões de luzes/Rodear como anjinhos/O esplendor do Corcovado,/Tenho a impressão de ver/Na miragem celeste,/O verdadeiro CRISTO-/-REDENTOR, iluminado./Rio,/És a oitava maravilha/A mais bela capital,/Cidade monumental./Rio,/Só em ver as tuas praias/Vejo a riqueza mais rara/Do meu BRASIL COLOSSAL!...(Rio – oitava maravilha. Samba exaltação. Luiz Assunção 1964).

---

<sup>2</sup> Jairo Castelo Branco, professor, diretor-presidente da Escola de Música Luiz Assunção desde 1982, quando está ainda se chamava Sociedade Musical Henrique Jorge. No ano de 1992, Jairo resolveu homenagear seu amigo Luiz Assunção dando seu nome à escola.

Ao exaltar as belezas e riquezas da terra, Luiz Assunção compôs outra canção, escolhendo sua terra natal como cenário para sua poesia.

Maranhão/Bem sabe o mundo inteiro/Que és hospitaleiro/E és Atenas do Brasil,/És terra que tem dado gente boa,/Berço de Gonçalves Dias,/Berço de João Lisboa./Maranhão,/O teu solo que é riqueza/Está ao dispor da natureza/Maranhão,/De sonhos mil!/O teu inimigo é a tua sorte,/Mas do norte do Brasil,/Tu és um braço forte./Nessa terra de palmeira,/Matas virgens, seculares,/Onde cantam sabiás,/Inda se ouvem velhas lendas/Dos senhores das fazendas,/Das mucamas e sinhás. (**Maranhão**. Samba exaltação. Luiz Assunção 1950).

Podemos perceber nas canções e poesias citadas acima a forma como Luiz Assunção construía essas cidades, buscando sempre enaltecer suas belezas e o que de melhor essas terras possuíam, deixando assim de lado sua outra face. Entretanto, a cidade real passava por transformações e tensões no cotidiano urbano que suscitavam problemas para a sociedade, como o inchaço dos morros, o aumento da pobreza e da desigualdade social, entre outros que o seu crescimento lhe causava, porém, as cidades de Luiz Assunção eram descritas como belos cartões postais.

É interessante a forma melódica e poética existente em seus escritos, suas composições apresentam múltiplos sentimentos onde o amor, a ilusão e a saudade, são algumas das sensibilidades mais recorrentes. Versos surgidos do cotidiano da boemia, onde o compositor como um *flâneur* observava e narrava, se colocando como “revelador de sentimentos e sensibilidades, testemunha das emoções e depositário da memória”. (MATOS, 2007, p. 165).

### **SOMBRAS DO PASSADO: SAUDADE, A PRESENÇA DE UMA AUSÊNCIA**

Quando eu seguir, como seguem os outros para o além, irei bem disposto a tocar em qualquer piano, contanto, que as minhas músicas sejam sempre em tons tristes de saudade!...<sup>3</sup>

Ao analisarmos os escritos e composições de Luiz Assunção, identificamos entre suas temáticas variadas uma preferência por narrar amor e saudade de forma muito melancólica, mostrando sempre uma inquietação a respeito da saudade do ontem, do

---

<sup>3</sup> Verso. Luiz Assunção, 1979.

que passou. Como categoria sociológica, a saudade como nos coloca DaMatta (1993), é uma construção cultural, ideológica, que deixa de existir no plano abstrato e passa a existir como algo concreto, transformando-se em emoções, em sensações repletas de sentidos, sendo estes possuidores de espaços invisíveis dentro de uma existência coletiva.

Nesse contexto, entendemos que a saudade é resultante das experiências vividas e vivenciadas pelos sujeitos, experiências estas que são acompanhadas de dor, nostalgia e uma presença constante de uma ausência. Assim, a saudade enquanto uma categoria de análise representa:

uma categoria que – tal como ocorre com as palavras de ordem, senhas, juramentos, pragas, obscenidades, xingamentos e promessas –, ao ser dita ou invocada, promove e implica um fazer, um empenho, uma perspectiva ou um compromisso, definindo um estado interno e permitindo ou desculpando uma ação externa. (Da MATTÁ, 1993, p.19).

Os discursos em torno da saudade caracterizam-na como um sentimento particular do português, isso porque a partir do século XV com as grandes transformações históricas, a busca por novos territórios, assim como a construção cultural portuguesa alguns autores – Feldman-Bianco (1992), Da Matta (1993), Albuquerque Jr. (2006) – definiram a saudade como um sentimento determinante “do modo de ser da alma portuguesa”, símbolo constitutivo de uma memória coletiva. Ao falarmos ou ouvirmos sobre a saudade, logo nos remetemos à descrição dos dicionários que dizem que ela é: palavra que se define como lembrança nostálgica e, ao mesmo tempo, suave, de pessoas ou coisas distantes ou extintas, acompanhada do desejo de tornar a vê-las ou possuí-las.<sup>4</sup>

A saudade coloca-nos diante do vazio da própria temporalidade da necessidade urgente de preenchimento deste vazio com nossas vivências, com nossas experiências, nossos sentimentos e sentidos em relação às coisas e às pessoas. Por isso a saudade, que parece ser um sentimento universal e inerente a todos os humanos, na verdade define-se histórica e culturalmente, à medida que nós, humanos, não sentimos saudade das mesmas coisas: cada tempo tem suas saudades, e nem todos os povos valorizam este sentimento e dão a ele o mesmo conteúdo e sentido. (ALBUQUERQUE JR. 2006, p.118)

---

<sup>4</sup> Aurélio *apud* Albuquerque (2006).

Nesse sentido, culturalmente a saudade faz parte do coletivo e tem sentido ambíguo podendo ao mesmo tempo revelar tristeza e alegria, assim como a música, é capaz de ganhar vida e exprimir sensibilidades. “A trama dos sentimentos tem múltiplos aspectos, concretizada melodicamente no “estar só”, “sentir-se só”, situação e sentimento constantemente referenciados pela nostalgia de um tempo passado e pela experiência da saudade” (MATOS, 2006, p. 424). Como narrou Luiz Assunção em suas canções e poesias a saudade é um querer lembrar, é um querer retornar no tempo.

A sodade que se guarda/Das coisa da vida que a gente gozô/Pode inté arrelebrá/Tanta coisa véia que já se passô.../Quanto mais passado o tempo,/Mais o amô alembro, mais sodade vem./Mode a gente arrecordá/Dos amô querido que a gente quis bem/Siá Maroquinha/Mariquinha tinha/Sua véia casinha dos tempos de amô,/E a ventania de riba da serra/Pegou com a casinha e escangaiou.../Ái, ái, Siá Mariquinha/Isto não é brinquedo,/Me diga se sodade mata./Se sodade mata/Eu já tou com medo...(Siá Mariquinha. Rancheira. Luiz Assunção, 1946).

Ao mesmo tempo em que a saudade expressa nostalgia, lembrança, ela revela remorso, culpa e dor, sentimentos que vivem arraigados na memória do indivíduo e que em momentos se escondem e em outros se manifestam, como podemos observar em *Num boteco, 1966*.

O que é a vida/comparada com o amor e a cachaça,/é jogar com cartas diferentes,/é viver de ilusões fatais,/enquanto ao longe,/bem longe dos meus olhos/vivem dois inocentes!/Luiz Assunção/contou triste e chorando/que a febre cruciante/do seu passado feliz/vivia a sofrer agora/numa solidão à esmo/só a pensar com saudade sem fim/nos dois pedaços de si mesmo/que se foram enfim/de sertão afora/Ó Deus onde eles estarão, agora? (Num boteco. Verso. Luiz Assunção. 1966).

As composições e versos do Luiz Assunção nos revela como era forte a questão do saudosismo na vida dele, sempre narrando uma saudade doída, as sombras de teu passado que a memória fazia questão de manter, a não aceitação pelo passar do tempo pela chegada triste da velhice. Dessa forma, ele buscava trazer em tons triste toda sua nostalgia.

Mas adiante/Quando eu for envelhecendo/E a esperança for morrendo/Peço a Deus pra me levar;/Sozinha vou morar/No fim do mundo/Onde o silêncio é profundo/Não vem me incomodar./A mocidade é a vantagem do viver,/É o sol que ilumina/A estrada do prazer,/Mas a velhice/É o sol triste no poente./Que mata a alma da

gente/De saudade a sofrer. (Mocidade e velhice. Samba-canção. Luiz Assunção, 1943).

Em Socorro vemos mais uma vez Luiz Assunção exaltar a mocidade e reclamar a velhice. Nesse contexto, identificamos a recusa que o compositor tinha com o presente, buscando viver sempre das lembranças de seu passado.

Socorro, a mocidade é a vida/linda, bela e sublime/quando a gente sente a dor/é porque está sentindo amor./A velhice é o resto da vida,/é um necrotério de desenganos/sem prazer e sem amor. (Socorro. Verso. Luiz Assunção, 1975).

Luiz Assunção vivia na e da boemia, na noite ele tocava, bebia e compunha suas canções, no final da noite ao chegar a sua casa, sentava em seu piano localizado embaixo de uma árvore e ali passava o resto da noite a dedilhar o piano e compor melodias, narrar amores, ilusões, saudade e adeus. A vivência na boemia tinha uma importância muito grande em sua vida, visto que, naqueles espaços ele criava suas sociabilidades, compartilhava sensibilidades e construía histórias. Seus escritos estão impregnados desses sentimentos, sensações e emoções. Vejamos em *Teste de Saudade* a forma como o compositor retratou a dor de uma perda.

Alguma vez/em meditação talvez/Morais sozinho a pensar/em seu quarto vasio,/nada vê e nada ouve/apenas em longe/a voz do vento lhe falar/um perfume antigo/dos perfumes de Aldaci/trás recordações ali.../Mas esse perfume/é a saudade apenas/do tempo que se foi/fugindo impiedoso/para a eternidade/a maior verdade./Continua o império do silêncio/na sua bela e santa sonolência/porém o sono não vem/e na vitrine da janela/também solitária e triste/o vento em forte açoite/desperta o Moraes tão feliz.../Com o relógio mal-educado/a bater meia-noite!

Percebemos em sua escrita a melancolia de uma despedida, assim como os elementos que tornam essa ausência presente nas lembranças, o quarto vazio, o perfume antigo que é a afirmação da saudade, o silêncio do ambiente e por fim o vento que vem para trazer o indivíduo de volta para o presente solitário. Nesse mesmo contexto, Luiz Assunção falou mais uma vez da partida de Aldaci<sup>5</sup> em *Casa Vasia* e em *Verso póstumo*.

---

<sup>5</sup> Aldaci Nogueira Barbosa Mota – (Aldaci Barbosa) Educadora autora do plano de desfavelamento de Fortaleza, esteve à frente da Superintendência do Serviço Social de Fortaleza.

Minha casa está vazia/Falta nela o bem que tive,/Está cheia de saudade,/De saudade que me mata/De ALDACI, meu grande amor./ – ALDACI, meu grande amor! – /Não entendo meu bom DEUS,/Pois levou minha bela lira/E os meus versinhos de alegria,/Minha musa foi-se embora/Foi sem poder dizer adeus/– ALDACI, meu grande amor! – /No jardim murcharam as flores/E o perfume exala dor;/Ficou somente a sua falta/Que saudade e que lembrança/Dessa mulher que foi amor!/ – ALDACI, meu grande amor! – (Casa Vazia. Canção Astral. Luiz Assunção 1976).

Também em:

Com a morte/que cruel partida!/Viagem mísera,/covarde e indefinida.../Dizem, vis desnaturados:/é isso aí.../Não adianta chorar./ – Como pode amigos?/Se as lágrimas conformam,/embriagam também,/enganando a eterna saudade/que se guarda de alguém!(Para Aldaci Barbosa Mota. Verso póstumo. Luiz Assunção, 1976).

Nessas construções de memória, saudade, ausência o compositor criava um elo entre canção, saudade e história, onde tanto a saudade quanto a música provocam nostalgia, dor, ânsia de retornar ao passado e permanecer nele. Vale salientar que, nesse misto de sensações e emoções tanto o compositor quanto o ouvinte estão inseridos nas lembranças vividas, vivenciadas e até mesmo inventadas.

É a noção de saudade que nos faz refletir e, sobretudo, sentir com mais vigor, presença e intensidade o nosso amor e a ausência dos entes e das coisas que queremos bem. Ou seja: sei que amo porque tenho saudade. Sei que sinto falta de um lugar porque dele sinto saudade. (Da MATTA, 1993, p.21).

Comungando com Da Matta (1993), entendemos que a saudade é uma construção cultural que se dá na coletividade e que aprendemos a sentir a ponto de vermos sempre o futuro com desconfiança, buscando voltar ao passado rememorando-o, discutindo o lugar do passado e do futuro e esquecendo o lugar que o presente ocupa. Logo, identificamos que o lugar e o espaço que Luiz Assunção buscava ocupar era sempre o lugar do seu passado, a lembrança saudosa em suas canções nos reporta para sua vida boemia, para sua mocidade por ele tão desejada, para os amores que se foram assim como para suas cidades imaginárias e todo cotidiano por ele vivenciado e narrado como sombras que o passado deixou.

Saudade e história falam das sombras do tempo que se apoderam das coisas e dos homens as fazem inexistir, deslocam o foco de luz do presente para buscar, entre brumas do passado, a silhueta, apagada



pelo tempo, de um ser nacional que se desviou de seu caminho, que se perdeu nas trevas dos tempos. (ALBUQUERQUE JR. 2006, p.124)

A saudade define-se enquanto uma categoria sociológica de análise que tem se tornado um tema de interesse da historiografia. “A história teria a mesma capacidade que a saudade de tornar presente o que é passado, de reviver o mesmo sentimento e a mesma emoção que foram sentidos em outros momentos.” (ALBUQUERQUE JR. 2006, p.124). Porém, antes mesmo de ser pensada enquanto categoria, a saudade é poetizada e cantada pela sociedade.

Como nos coloca Albuquerque (2006), tanta a história quanto à saudade seriam uma busca constante no tempo, seriam um viajar para fora de nós, um diálogo com o passado procurando sentidos para o presente. No tocante as cidades, elas possuem espaços na memória em que nós também buscamos no passado leituras para o nosso presente.

Sabemos que a sociedade possui diversas formas de representar-se, as sensibilidades, o imaginário e os sentidos construídos pelos sujeitos fazem parte delas. Da mesma forma encontram-se as cidades de Luiz Assunção, que aqui foram identificadas por nós como cidades sensíveis, apresentadas a partir de canções, melodias e poesias. Cidades que assim como a saudade são constituídas a partir da memória e da intencionalidade do compositor.

9

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. IN: ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes, (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

BIANCO, Bela Feldman. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. IN: Revista Brasileira de Estudos Populares. Campinas, 1992.

CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DA MATTA, Roberto. Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

MATOS, Maria Izilda Santos de. A cidade, a noite e o cronista: São Paulo e Adoniran Barbosa. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

\_\_\_\_\_. Âncoras de emoções: Poética e música em Dolores Duran. IN: ERTZOGUE, Marina Haizenreder, PARENTE, Temis Gomes, (orgs.). **História e sensibilidades**. Brasília: Paralelo 15, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginadas. IN: Revista Brasileira de História, vol. 27, nº 53, São Paulo, 2007.